

A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE E DA IDENTIDADE PELA LEITURA LITERÁRIA

Bernadete Carvalho – UnB

Consideração iniciais

É indiscutível a importância da leitura no processo de construção do sujeito, uma vez que, para a sua participação ativa na sociedade, o ato/hábito de ler está intrínseco a todas as suas atuações, independente de elas serem objetivas ou subjetivas. No último caso, é de suma importância o contato do indivíduo com a leitura literária, já que a literatura contribui no processo de humanização do sujeito, na construção de sua subjetividade e no reconhecimento de seu valor como componente de uma identidade coletiva. Como afirma Antônio Cândido, é inegável a ligação entre a vida social e a arte, já que a atividade artística estimula a diferenciação entre os grupos (CÂNDIDO, 1967), além de o contato com o local ampliar o entendimento do universal.

Assim, faz-se importante reconhecer a arte literária local como elemento constitutivo da identidade do cidadão. Entretanto como se dá o contato com esse uso criativo da literatura? Formar um público leitor de literatura é um papel delegado à escola, uma vez que, conforme se observa ao longo da história da educação, a essa cabe, oficialmente, a tarefa de formar leitores proficientes, inclusive consumidores de literatura, pois é na escola que se tem o que Cyana Leahy-Dios chama de educação literária (LEAHY-DIOS, 2000). A escola torna-se peça-chave na construção da identidade do cidadão a partir do contato com os textos literários. Desse modo, não se pode negar a importância de se conhecer uma literatura mais próxima, no nosso caso, a literatura brasileira.

A educação literária

Em uma sociedade cada vez mais voltada para a rapidez da informação e avanços tecnológicos, a leitura como instrumento fundamental na aquisição do conhecimento fica relegada a segundo plano, mesmo ela sendo elemento essencial ao ser humano que vive no mundo letrado, com acesso irrestrito a uma série de elementos textuais em sua vida diária.

Na concepção pós-moderna de leitura, temos que considerar a subjetividade do leitor como chave para a compreensão do texto e do mundo. Entende-se que a subjetividade sugere a compreensão que temos sobre nosso eu e que envolve nossos sentimentos e pensamentos pessoais. No entanto, vivemos nossas subjetividades em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmo e no qual adotamos uma identidade (WOODWARD, 2000: 55).

E a construção dessa subjetividade se faz principalmente por meio de textos que permitam a sensibilização, que façam desse leitor em potencial um leitor crítico, capaz de transformar o mundo em que vive em um mundo melhor, menos automático, acostumado a apertar teclas, sem refletir sobre o lugar do indivíduo como ser social. Uma importante ferramenta nesse projeto é a leitura da literatura.

Somos seres inconformados com a fragmentação a que somos assujeitados pelo contexto em que vivemos; procuramos, assim, atribuir sentido à nossa existência, ao nosso ser no mundo. Muitas vezes a realidade não nos basta nesse processo de interpretar esse mundo. Precisamos reinventá-lo; ir além da realidade. E essa possibilidade nos é aberta pela chamada *arte da palavra*, a palavra literária. Segundo Gabriel Perissé, “a palavra literária será, neste caso, a palavra viva, vivificadora, provocadora, cheia de sentido, humanizadora, criadora de vínculos.” (PERISSÉ, 2006: 18).

Antônio Cândido vê na literatura um dos principais fatores de humanização, uma vez que ela representa, o

processo que confirma no homem traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, da aquisição do saber, da boa disposição pra com o próximo, o afinamento das emoções e capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza. (CÂNDIDO, 1995: 249).

Na obra *Que é a literatura?*, Sartre (1993) define literatura como

uma subjetividade que se entrega pela aparência de uma objetividade, um discurso tão curiosamente engendrado que equivale ao silêncio; um pensamento que se contesta a si mesmo, uma Razão que é apenas a máscara da loucura, um Eterno que dá a entender que é

apenas um momento da História; um momento histórico que, pelos aspectos ocultos que revela, remete de súbito ao homem o eterno; um perpétuo ensinamento, mas que se dá contra a vontade expressa daqueles que ensinam (SARTRE, 1993: 28).

Na concepção de Sartre, o homem é o meio pelo qual as coisas se manifestam. Assim, como um evento humano, a literatura não pode ser desvinculada da sociedade na qual se insere, uma vez que a obra se histórica, passa a fazer parte de um patrimônio social, da memória coletiva de um povo. Essa obra não está na História em si, mas na leitura que dela fazemos. Os escritores não existem no vácuo; têm uma função social definida exatamente na medida em que são tidos como escritores (POUND, 1998). É a sociedade que, pelo uso que faz de seus textos, decide se certos textos são literários ou não fora de seus contextos originais.

Desse modo, uma definição de literatura, seja ela qual for, representa sempre uma escolha, uma preferência, um sistema de preferências, consciente ou não (COMPAGNON, 2001). Entretanto para que o objeto literário tenha existência, faça-se necessário também a existência do ato concreto da leitura. Para Sartre, tal objeto só dura enquanto durar sua leitura. A partir daí, tem-se apenas traços negros no papel (SARTRE, 1993: 35).

Assim, pensar a literatura é confirmar a ligação da arte com seu ambiente, ao que lhe dá materialidade e identidade, é perceber a arte como elemento social, sendo que, na voz de Antonio Cândido (1967), não é possível pensar a literatura sem entendê-la como a expressão da sociedade em que se insere, nos ecos que essa sociedade traz às obras e as possíveis transformações sociais que se operam a partir dos ecos das obras literárias que repercutem na sociedade. É um ciclo que se dá na intersecção entre os três elementos que constituem o sistema literário: Autor, Obra e Público:

A arte é um processo de comunicação inter-humana e todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra, um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, o seu efeito (CÂNDIDO, 1967: 25).

Desse modo, um ponto a se pensar é como se dá o contato com esse uso criativo da literatura, já que formar um público leitor de literatura também tem sido um papel delegado à escola, uma vez que, conforme se observa ao longo da história da educação, a essa cabe, oficialmente, a tarefa de formar leitores proficientes, inclusive consumidores de literatura, pois é na escola que se tem o que Cyana Leahy-Dios chama de educação literária.

Segundo as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*, “a escola deverá ter como meta o desenvolvimento do humanismo, da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (*Orientações Curriculares para o Ensino Médio*, 2008: 53), assim, esse aprimoramento humano se dá pelo contato com as mais variadas manifestações artísticas, entre elas a literatura. Os Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio – PCNs - utilizam o termo estética da sensibilidade, que seria a possibilidade de estimular a criatividade, espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado, a afetividade para facilitar a constituição de uma identidade capazes de suportar a inquietação, conviver com o incerto, o imprevisível e o diferente.

Para os PCNs, educação é um processo de construção da identidade (PCNs, 2002), assim, como prega a Lei de Diretrizes e Bases da Educação em seu artigo 26, no processo educativo, deve trabalhar com “as características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.” (PCNs, 2002: 97)

A presença da literatura no ambiente escolar desde as séries iniciais e a sua obrigatoriedade como disciplina do currículo, a partir do ensino médio, leva-nos à reflexão sobre a forma como vem sendo conduzido o ensino de literatura na escola. Primeiramente, leva-nos a questionar o papel da literatura na sociedade que temos e que queremos ter e a sua importância na construção de subjetividades pessoais e sociais tanto no ambiente escolar como na sociedade em geral.

Faz-se importante pensarmos também em porque temos aula de literatura no currículo escolar e se é possível se “ensinar” literatura. Observa-se uma dicotomia entre a arte e o ensino escolar, uma vez que tem se mostrado difícil a conciliação entre a leitura da literatura como fruição / prazer / entretenimento e seu ensino como saber institucionalizado, uma vez que este tem sido relegado ao ensino teoria literária e historiografia da literatura, além de pretexto para análises gramaticais.

No mais, ao tornar literatura obrigatória na escola, privilegiam-se muitas vezes obras que mais se distanciam espacial, temporal e culturalmente do que se aproximam dos alunos (LAGE, 2003). É necessário remodimensionar o ensinar / aprender, sobretudo no que diz respeito à arte. É nessa perspectiva que se repensa aqui o ensino da literatura, visando promover a educação humanista dos jovens e assegurar a identidade cultural, social e artística.

Ao que se vê, a escola, enquanto responsável por formar sujeitos-leitores críticos e mais humanos, não vem cumprindo seu papel com eficiência, uma vez que o ensino de literatura desvincula-se do

desenvolvimento da sensibilidade artística e do processo de autocrescimento de sujeitos sociais participantes, conscientes e ativos.

Para Aguiar e Bordini (1993), o principal problema do ensino de literatura não está no conteúdo, mas sim na forma como se trabalha com a literatura em sala de aula, sem abrir espaço para a reflexão crítica, privilegiando-se um fazer automatista, imediatista e alienado. Se a leitura é o que acompanha o homem no seu processo de comunicação e propagação da cultura, não deve ser vista como uma atividade mecânica, de reconhecimento de sinais gráficos ou no simples decorar autores, característica de escolas literárias, datas e dados biográficos, sem considerar que a leitura da literatura traz a possibilidade de o leitor dialogar com o mundo.

Para a Lei de Diretrizes de Bases da Educação – LDB 9394/96 –, a escola exerce importante função no processo de transformação do aluno e funciona como um dos elementos formadores da identidade cultural do discente. Entende-se aqui a idéia de identidade como um significado social e culturalmente atribuído e que, conforme as análises de Tadeu da Silva, está em constante movimento de ora fixação, estabilização, ora subversão e desestabilização (SILVA, 2000). Esse processo deve-se ao fato de o sujeito pós-moderno, segundo os estudos de Hall, estar inserido em constantes mudanças nos sistemas de significação e representação cultural que se multiplicam cotidianamente. Assim, “a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos”. (HALL, 2001: 12-13).

O que se percebe é que é explícita a falta de respeito ao pluralismo cultural, já que não se levam, muitas vezes, em conta, no trabalho com leitura em sala de aula, as diferentes representações culturais do aluno. Isso em si justificaria a necessidade de trazer ao aluno elementos de sua cultura, uma das diretrizes mais reforçadas dentro dos PCNs, e validaria a necessidade de proporcionar o contato com a produção artística de seu meio, uma vez que trabalhar com uma literatura que faça parte de um contexto próximo do educando permitiria a inserção do processo de ensino/aprendizagem numa perspectiva de contextualização de conteúdos e saberes, que vai além do ensino de informações fragmentadas, como características de uma escola literária, biografia de autores e resumos de obras.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais reforçam a importância da contextualização para a promoção da aprendizagem significativa, aquela que permite o estabelecimento de relações entre os saberes curriculares e a experiência social que o aluno tem como indivíduo; que vai além do acúmulo de informações sem vínculo com a vida prática do estudante.

As transformações pelas quais a sociedade passa cria um novo olhar sobre a cultura, redimensionando as fronteiras entre o que é local e o que é universal, e modifica as formas de produção e apropriação dos saberes.

Na perspectiva de Kathryn Woodward, cultura deve ser entendida como aquilo que o homem transforma. “Cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Há, entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social. Esses sistemas partilhados de significação são, na verdade, o que se pretende por ‘cultura’”. (WOODWARD, 2000: 41).

Para os PCNs, educação é um processo de construção da identidade (PCNs, 2002), assim, como prega a Lei de Diretrizes e Bases da Educação em seu artigo 26, no processo educativo, deve-se trabalhar com “as características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.” (PCNs, 2002: 97).

Os Parâmetros Curriculares são claros ao propor o respeito à diversidades, incluindo aí as diferenças regionais, de modo a permitir ao aluno o contato com aquilo que faz parte de seu presente cotidiano, propiciando a apropriação e valorização de bens culturais locais. Daí ser urgente no caso específico dos alunos do Distrito Federal o contato dos estudantes com a literatura dita brasileira.

Em pesquisa de mestrado em andamento, foi feita coleta de dados em que os professores da rede oficial de ensino do Distrito Federal, por meio de resposta a questionário aplicado por esta pesquisadora, posicionam-se sobre a inserção da literatura brasileira no ambiente escolar.

No depoimento do professor de ensino médio da rede pública do Distrito Federal, fica claro a percepção como elemento de construção da identidade:

Professor 43 (EM) – A literatura é uma área do conhecimento que desenvolve no ser humano sua capacidade de interpretação do mundo em que vive e ajuda a entender como é o pensamento do homem de diferentes épocas. Desenvolve o cognitivo não só nas artes, mas também em outras ciências humanas tais como: filosofia, história e sociologia.

A fala do professor 12 vai ao encontro do que se tem tanto nos PCNs quanto nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio, no sentido de contextualizar os conteúdos escolares com as características regionais e locais. Conforme se encontra nas Orientações curriculares para o ensino médio: “dar espaço para a verbalização da representação social e cultural é um grande passo para a sistematização da identidade de grupos que sofrem processos de deslegitimação social” (Orientações Curriculares para o Ensino Médio, 2008: 142).

Professor 12 (EM) – É indiscutível a necessidade de se trabalhar as variantes da língua\fala, da geografia, da história e da cultura de um povo. Nesse sentido, o estudo desses aspectos na região em que o educando se encontra é uma forma de ele compreender o que já aconteceu, como está e formar uma visão crítica, podendo contribuir para mudanças futuras. A expressão, a literatura local precisa ser mais lembrada, ensinada e reconhecida nas escolas. A partir do momento em que o aluno conhece e compreende a realidade que o cerca, poderá compreender melhor o mundo em que vive. Dessa forma ele atuará de forma participativa e crítica, podendo ele ser um escritor a difundir essas ideias.

A literatura, assim, faz-se um bom exemplo do simbólico verbalizado. Desse modo se estabelece uma forte relação entre a leitura da literatura produzida na cidade e a formação do cidadão brasileiro ao se considerar que o contato com a literatura aqui produzida mostra a forma como a cidade é vista, seus cenários, a forma como o homem brasileiro vê ou não vê o mundo e a cidade, como Brasília está inserida na brasilidade.

Professor 69 (Fundamental 1) – Acredito que todo tipo de literatura seja importante na construção do aprendizado e história de vida de nossos alunos. E as dos autores brasileiros só viriam a contribuir para a construção de nossa identidade cultural.

Professor 07 (Fundamental 2) – A medida que os alunos observem que próximo deles há obras significativas, que contemplem a sua realidade, haverá maior valorização da cultura local.

Professor 66 (Fundamental 2) – Oportunizar a leitura dos livros literários ou não é proporcionar momentos prazerosos em sala de aula. Conhecer a literatura local é levar o aluno a conhecer um pouco de suas raízes, de sua cultura.

Professor 52 (Fundamental 2) – Contribui para o reconhecimento e valorização da literatura auxiliando no processo de desenvolvimento crítico e intelectual do indivíduo.

Considerações finais

Desse modo, ao se estudar literatura brasileira nas escolas, pode-se afirmar que se favorece a formação cultural dos alunos, além de contribuir para a afirmação da identidade da literatura local. A maior socialização dessa literatura a partir da ampliação de seu público leitor redimensionaria dentro do ensino de literatura a construção de uma identidade cultural, propiciando a ampliação de estudo e auto-reconhecimento da cultura local por meio do contato com o imaginário e a poética na abordagem de textos literários que façam parte do meio social do aluno.

Referências bibliográficas

- CÂNDIDO, Antônio. *A Literatura e Sociedade*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- _____. *O direito à literatura*. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria – literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 5ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LEAHY-DIOS, Cyana. *Educação literária como metáfora social*. Niterói: EdUFF, 2000.
- PERISSÉ, Gabriel. *Literatura e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- POUND, Ezra. *Abc da literatura*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?*. São Paulo: Ática, 1993.
- Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. Linguagens, Códigos e suas tecnologias. Secretária de Educação Básica. Brasília: 2008.
- Parâmetros Curriculares Nacionais/Ensino Médio*. Ministério da Educação, Educação Média, Brasília: 2002.